



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE BACHAREL EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

GUILHERME MARTINS ALMEIDA

**FOTOQUEER - UM ENSAIO FOTOGRÁFICO E AS REVISTAS
HOMOERÓTICAS DOS ANOS 80 e 90**

FORTALEZA

2025

GUILHERME MARTINS ALMEIDA

FOTOQUEER - UM ENSAIO A RESPEITO DE DAS REVISTAS
HOMOERÓTICAS DOS ANOS 80 e 90

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso
de Cinema e Audiovisual do Instituto de
Cultura e Arte da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel.

Orientador : Prof. Fernando Maia da
Cunha.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Maia da Cunha (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A447f Almeida, Guilherme Martins.

Fotoqueer : um ensaio fotográfico e as revistas homoeróticas dos anos 80 e 90 /
Guilherme Martins Almeida. – 2025.

36 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto
de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Maia da Cunha.

1. Fotolivro. 2. Pós-pornografia. 3. Revistas. 4. Homoerótico. 5. Fotografia. I. Título.

CDD 791.4

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus amigos que sempre me incentivaram e em alguns casos, ameaçaram a terminar meu TCC, mas que também de certa forma me deram a alegria de estar comigo no meu curso.

A minha família que esperou pacientemente para terminar a minha faculdade em meio a tanta turbulência ainda conseguiu manter o apoio a mim.

A Yuri Firmeza que foi quem primeiramente recebeu esse projeto e me deu as primeiras orientações e fez o esqueleto desse trabalho e me ajudou a tornar a ideia inicial em realidade.

Ao meu atual orientador, Fernando Maia, que me ajudou a pegar esse trabalho com tantas nuances que poderia ter se tornado algo complicado mas acabou me estendendo as mãos e tornou o trabalho mais fácil.

A meu amigo Aleixo, que me ajudou a tornar a fotografia do meu livro uma realidade.

Em homenagem a todos os meus amigos do curso de Cinema que me acompanharam até aqui, aos amigos que nos afastamos no meio e ao professor Osmar cujo o qual sempre estará em nossos corações.

RESUMO

O projeto Fotoqueer surge como um meio de homenagear revistas homoeróticas dos anos 80 e 90, como a G Magazine, XY Magazine e a MAN. Esse memorial reflete as referências teóricas, imagéticas e também sentimentais cujos os quais o meu trabalho se inspirou e trouxe à tona os desejos íntimos. Fotoqueer é um fotolivro que resgata a estética das revistas de nudez masculina dos anos 80 mas busca ressignificar essa nudes a partir da apropriação dessas imagens a partir de um viés da estética e princípios da pós-pornografia, criando uma arte com a estética pornográfica mas as bases teóricas mais desconstruídas e empoderadas.

Palavras-chaves: Fotolivro; Pós-Pornografia; Revistas; Homoerótico; Fotografia;

ABSTRACT

The *Fotoqueer* project emerges as a way to pay tribute to homoerotic magazines from the 1980s and 1990s, such as *G Magazine*, *XY Magazine*, and *MAN*. This memorial reflects the theoretical, visual, and also emotional references that inspired my work and brought intimate desires to the surface. *Fotoqueer* is a photobook that revives the aesthetic of male nude magazines from the 1980s, but seeks to reinterpret this nudity through the appropriation of these images from the perspective of post-pornographic aesthetics and principles—creating art with a pornographic aesthetic, but rooted in more deconstructed and empowering theoretical foundations.

Keywords: Photobook; Post-Pornography; Magazines; Homoerotic; Photography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Revistas Young Pornogay ed. 5	11
Figura 2 - Revistas Young Pornogay ed. 6	11
Figura 3 - Revista XY Magazine ed. 28	11
Figura 4 - Honcho magazine ed. Julho de 1996.....	12
Figura 5 - G Magazine ed. 44.....	12
Figura 6 - Foto da revista Honcho ed. Julho 68.....	12
Figura 7 - Foto tirada e exposta por Stanley Stellar.....	12
Figura 8 - Foto tirada e exposta por Stanley Stellar.....	12
Figura 9 - Foto tirada e exposta por Stanley Stellar.....	12
Figura 10 - Fotos tiradas por Alair Gomes	13
Figura 11 - Fotos tiradas por Alair Gomes	13
Figura 12 - Foto de Frame do filme Pink Narcissus (1971).....	19
Figura 13 - Foto do Primeiro ensaio da revista Blame.....	20
Figura 14 - Foto do logotipo da revista com nosso primeiro mascote.....	21
Figura 15 - Captura de Tela da atual página principal da Blame Zine.....	22

Figura 16 - Registro fotográfico da performance The Public Cervix Announcement.....	2
5	
Figura 17 - Foto de Alair Gomes em sua casa	26
Figura 18 - Foto não tratada de Guarê.....	28
Figura 17 - Foto não tratada de Renato.....	29
Fig 18: Capa da minha Revista/Fotolivro.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
.....	8
2 OBJETIVOS	
GERAIS.....	9
3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
4 JUSTIFICATIVA	
.....	9
5 EMBASAMENTO TEÓRICO	11
6 METODOLOGIA	14
7 CRONOGRAMA	15
8 DESENVOLVIMENTO E CONCEPÇÃO	16
8.1 Relato da infância de uma criança gay	16
8.2 A entrada no curso de cinema e envolvimento com a cultura de revistas homoeróticas.....	18
8.3 Pós-pornografia e indústria pornográfica.....	22
8.4 Ensaios e Modelos.....	26
8.5 Edições das fotos e design da revista.....	29
9 CONCLUSÃO	31

10	REFERÊNCIAS	32
----	--------------------	----

1 INTRODUÇÃO

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por uma efervescência de contracultura, impulsionada especialmente pela comunidade LGBTQIA+, que na época ainda era referida pela sigla GLS. Esse período foi crucial para a consolidação de novas formas de expressão artística, identitária e de gênero, rompendo com padrões normativos e expandindo as possibilidades de representação da diversidade. Foi nesse contexto que a androginia se tornou um símbolo de transgressão estética e identidade fluida, desafiando as rígidas divisões de gênero ao mesclar características socialmente associadas ao masculino e ao feminino. Essa tendência influenciou profundamente artistas como Boy George, Prince e Grace Jones, cujas imagens e performances redefiniram a cultura pop.

Paralelamente, a cultura **ballroom** ganhava força em Nova York, proporcionando espaços de resistência e expressão para corpos marginalizados, enquanto as chamadas "boates gays" se espalhavam pelo mundo, criando refúgios para a comunidade LGBTQIA+. Lugares como o **Stonewall Inn**, nos Estados Unidos, a **Divine** e a **Style**, em Fortaleza, e a **Le Boy**, no Rio de Janeiro, tornaram-se epicentros dessa cena vibrante.

Entre os registros mais impactantes dessa época, as revistas de nudez homoerótica tiveram um papel crucial na construção de um imaginário queer. Essas publicações, além de oferecerem um espaço de visibilidade para a sensualidade masculina sob um olhar voltado ao desejo homoerótico, também funcionavam como veículos de resistência, desejo e afirmação da identidade LGBTQIA+. Em meio à censura e à marginalização da cultura queer, essas revistas criaram um acervo visual que atravessou gerações, estabelecendo códigos estéticos e narrativos que ainda influenciam a fotografia, a moda e as artes visuais.

É nesse aspecto, tentando trazer o contexto histórico e recriando uma forma alternativa de modelos de registros fotográficos eróticos que Fotoqueer surge para ressignificar a forma como essa representação desse estilo de arte, antes dominantemente pornográfica, para trazer uma arte completamente contrária: uma arte de anti-pornografia.

Tomando um formato de Fotolivro, o trabalho explora a sexualidade e o erotismo de corpos masculinos e torna-os um objeto de arte e contravenção moral e artística e assim fazendo da exposição da nudez

2 OBJETIVOS GERAIS

1. Este projeto tem como objetivo a criação de um fotolivro que explore a nudez masculina sob uma perspectiva sensual e artística, estabelecendo um diálogo visual e conceitual com as revistas homoeróticas das décadas de 1980 e 1990, que servem como principal objeto de estudo e referência estética. A proposta busca resgatar e reinterpretar a iconografia dessas publicações, não apenas como um tributo à sua relevância histórica e cultural, mas também como uma maneira de atualizá-las dentro de uma nova abordagem contemporânea.

3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Desenvolver um ensaio fotográfico autoral, no qual modelos voluntários serão registrados em composições cuidadosamente dirigidas, explorando a expressividade corporal, os contrastes entre luz e sombra e a construção de uma sensualidade. Essa etapa inicial não apenas fundamentará a identidade visual do fotolivro, mas também permitirá a experimentação de enquadramentos, poses e atmosferas que evocam a estética e a carga erótica presentes nas publicações de referência.
2. Fazer a curadoria e edição das imagens serão conduzidas de maneira criteriosa, visando estruturar o fotolivro em seções dedicadas a cada performance. Essa organização permitirá que a individualidade e a presença imagética de cada modelo sejam realçadas dentro de uma narrativa visual coesa, que proporcione ao espectador uma experiência imersiva e sensorial.

4 JUSTIFICATIVA

A produção do fotolivro “FotoQueer” se fundamenta na importância histórica e cultural das revistas adultas dos anos 80 e 90, como a G Magazine, XY Magazine, Honcho e outras publicações semelhantes. Esses periódicos desempenharam um papel crucial na representação da sexualidade gay e na construção da identidade de muitas pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Em um período onde a visibilidade da diversidade sexual ainda era limitada e frequentemente marginalizada, a sociedade brasileira e mundial ainda lidava com fortes tabus em relação à homoafetividade e à expressão da sexualidade fora dos

padrões heteronormativos e fortemente religiosos. O acesso a imagens de corpos masculinos desnudos, apresentados de maneira erótica, era não apenas uma fonte de prazer, mas também uma ferramenta de afirmação e auto descoberta para muitos leitores. Para uma geração de homens gays, bissexuais e até mesmo para pessoas que iriam futuramente se descobrir enquanto trans, essas revistas serviram como um meio inicial não como introdução a sua sexualidade mas também para tópicos importantes para o meio Gay, como saúde sexual, dicas de vestimenta da moda, locais para frequentar e filmes para assistir dando maior diversidade ao que era tabu. Em um contexto onde a AIDS foi usada como justificativa para reforçar estereótipos negativos sobre a homossexualidade, a existência de publicações que apresentavam corpos masculinos de maneira sensual e afirmativa ajudou a ressignificar o desejo homoerótico como algo legítimo.

A estética dessas revistas, com sua fotografia encenada, iluminação dramática e composições icônicas, estabeleceu um imaginário homoerótico que ainda hoje influencia a produção visual LGBTQIA+. Ao resgatar essa linguagem e recontextualizá-la em um novo formato, o foto livro propõe não apenas uma homenagem a essa herança cultural, mas também um questionamento sobre os espaços atuais da erotização do corpo masculino e da representatividade queer no campo da fotografia.

No contexto atual, a relevância deste trabalho se torna ainda mais evidente. A ascensão de discursos conservadores e moralistas ao redor do mundo tem impulsionado a perseguição a minorias sexuais e de gênero, promovendo censura e repressão à liberdade corporal e à diversidade. Movimentos políticos e religiosos que advogam por um retrocesso nos direitos LGBTQIA+ também tentam silenciar expressões artísticas e culturais que desafiam a normatividade. Este fotolivro surge como um ato de militância, reafirmando a importância da liberdade erótica e da valorização do desejo homoerótico como algo relevante para as e a sexualidade como um aspecto fundamental da experiência humana.

Além disso, a crescente digitalização da pornografia e da representação da nudez na internet trouxe novos desafios e oportunidades. Se, por um lado, o acesso à erotização do corpo masculino se tornou mais fácil, por outro, plataformas como redes sociais e serviços de streaming impõem censuras cada vez mais rígidas a conteúdos não relacionados aos padrões sexuais, reforçando a invisibilização dessas narrativas. Neste cenário, a produção de um material artístico adquire um

valor ainda mais relevante, funcionando como um registro tangível. além de o projeto ter como proposta uma forma de preservação da memória visual e afetiva da comunidade Queer, ao mesmo tempo em que dialoga com o presente, onde novas mídias e plataformas digitais.

5 EMBASAMENTO TEÓRICO

Uma das minhas principais bases imagéticas para os estilos de foto e o tipo de ensaio foram algumas revistas nacionais e internacionais que criaram estilos próprios de criar sua narrativa fotográfica nas revistas. Minha primeira referência vem das fotonovelas gay brasileiras, que tinham como intuito inicial mais fetichizar situações do que inicialmente promover a cultura como a Young Pornogay e Novela gay. Mas também me baseio no modelo da XY Magazine uma revista de fotonovela estadounidense mas com o conteúdo bem menos erótico e mais romantizado destinado ao público gay mais jovem. Gosto da forma como as duas usam a narrativa para contar uma história pornográfica dando um maior contexto à sexualização.

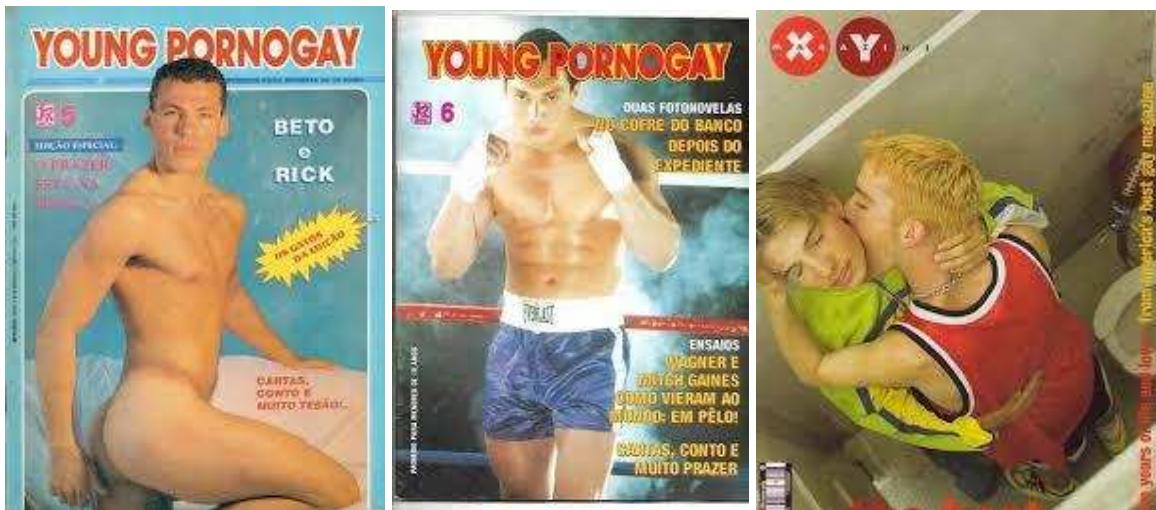


Fig 1 e 2: Revistas Young Pornogay ed. 5 e 6; Fig 3:XY Magazine ed. 28 .Fonte: Reprodução

Porém também gosta da maneira de como a exposição masculina existe de forma explícita e sem muitos rodeios, simplesmente feita para erotizar o corpo masculino como acontece na Honcho ou G Magazine. Claro, todas elas com uma ideia conceitual de como serem capturadas e devidamente contextualizadas.



Fig 4: Honcho magazine ed. Julho de 1996. Fig 5: G Magazine ed. 44. Fig 6: Foto da revista Honcho ed. Julho 68. Fonte: Arquivo Queer

Há também alguns fotógrafos e ensaístas os quais trabalham o fetiche homoerótico como sua principal base de trabalho e fazem intervenções artísticas e registros dos ambientes de relações homoafetivas. O primeiro deles é Stanley Stellar, um fotógrafo americano que mora em Manhattan e fotografa homens gays no West Village desde 1976 e seu trabalho está incluído na coleção dos Museus de Arte de Harvard. Ele fez registros da cena gay de Nova Iorque, especialmente dos anos 80 e 90, registrando corpos masculinos em contexto de nudez, pegação ou simplesmente exibindo sensualidade. Seu olhar aos detalhes e sua fotografia em preto e branco, o desfocado na imagem trazem um mistério às fotos e me inspiram a copiar detalhes assim.

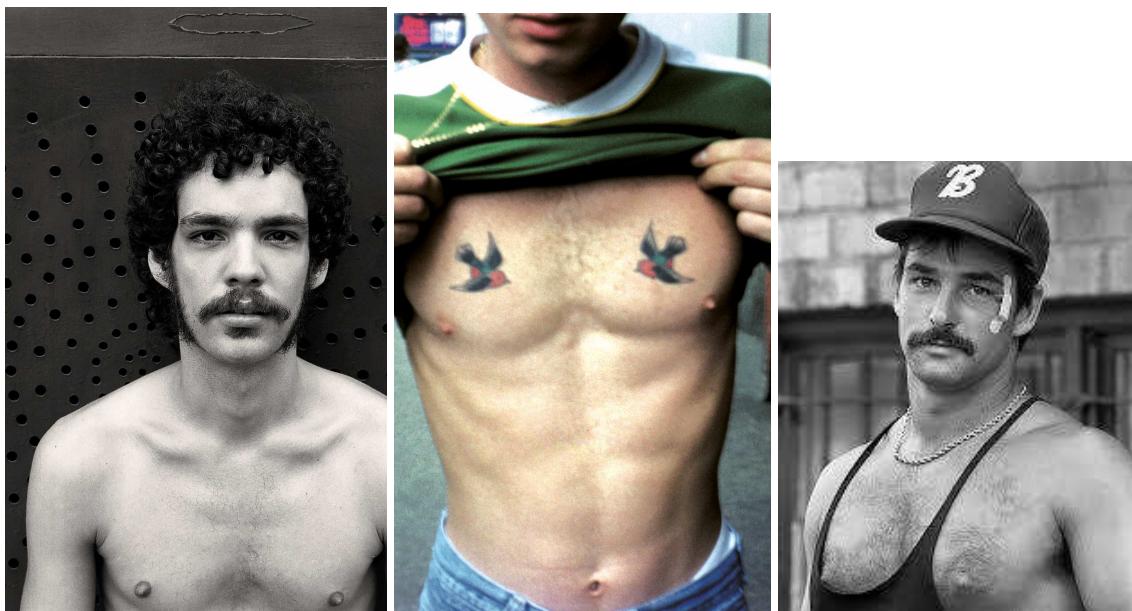


Fig 7,8,9: Fotos tiradas e expostas por Stanley Stellar. Fonte: Site Stanley Stellar

Pego também como referência o performer e fotógrafo, Orlando Maneschy, com um trabalho de fotografia feito por ele próprio que condensa seu viés artístico com o fetiche dele enquanto homem gay: esta obra retrata homens cheirando a axila um do outro e exibindo seus fetiches deixando o tesão bem claro.

Alair Gomes também é uma referência interessante pois ele pega o corpo de homens que ele avistava na orla da praia de Copacabana a partir de seu apartamento localizado em Ipanema e expunha-os a sensualidade a partir da sua visão, posteriormente, perguntando aos fotografados se os mesmos concordavam com o uso da foto e até mesmo se poderiam modelar para ele de forma mais privada ou com um ensaio especial. Estas fotos também tem um tom Preto e Branco interessante pois além de sobrepor a figura do corpo ao Claro e Escuro do sol da praia, há maior qualidade ao ressaltar o corpo masculino nesses tons antagônicos.

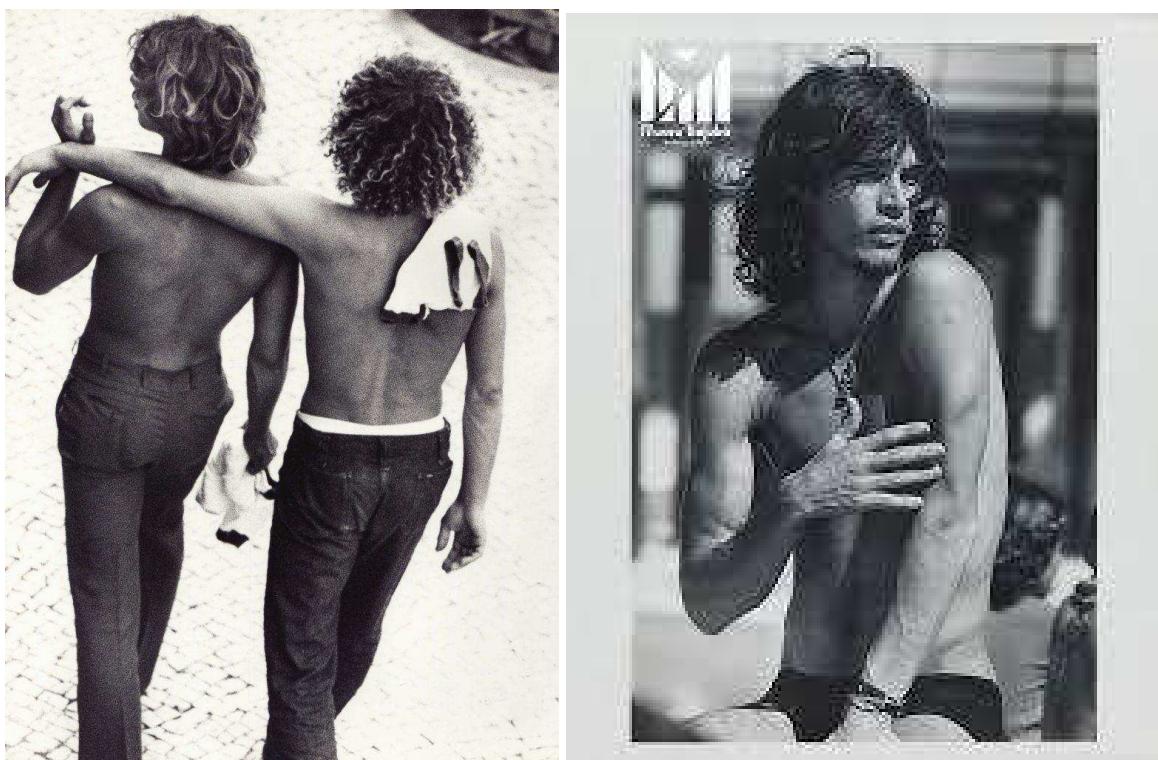


Fig 10,11: Fotos tiradas por Alair Gomes. Fonte: MAM Rio

Já do lado de textos teóricos, me baseei bastante num projeto de doutorado feito pela pesquisadora e doutora Ellis Araújo da Silva intitulado como “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGENS EM FOTOGRAFIAS DO CORPO MASCULINO EM REVISTAS GAYS” O qual me ajudou bastante a entender o contexto no qual essas revistas foram publicadas, quais tipos de publicações eram feitas na época e como a sexualidade era explorada naquela época.

E por fim utilizei a dissertação do Professor e Doutor Pablo Assumpção Barros Costa que traz em sua tese “Sense and Queerness: A Poetics of Erotic Delinquency and Belonging in Fortaleza, Brazil” uma forma de promover uma performance a qual ele vai a um locais de pegação, *darkrooms* e descreve sua experiência tátil ao pegar nos falos de outros homens dispostos naquele ambiente sexual e de quais sensações ele é provocado naquele local. Esse trabalho em específico me cativou por maior acesso a regionalidade de Fortaleza por tratar em como a sexualidade pode ser abordada no contexto de cidade grande Nordestina.

6 METODOLOGIA

1. Pesquisa e Fundamentação Teórica

Inicialmente, realizarei uma pesquisa aprofundada acerca das revistas, investigando os temas abordados, o contexto histórico em que foram publicadas e identificando outros artistas que utilizam o corpo nu como meio de comunicação visual e expressão artística. Paralelamente, serão consultados artigos acadêmicos que possam enriquecer a análise teórica do projeto. Essa etapa também incluirá o estabelecimento de parcerias com performers e indivíduos interessados em colaborar como modelos, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho.

2. Desenvolvimento dos Ensaios Fotográficos

Na fase seguinte, serão realizados os ensaios fotográficos com os modelos. Os conceitos e referências previamente coletados serão aplicados, levando em consideração a forma individual de expressão artística de cada participante, a fim de traduzir suas singularidades no resultado final.

3. Edição e Tratamento das Imagens

Considerando que a base imagética do projeto é inspirada em revistas homoeróticas, o fotolivro pretende evocar uma sensação de nostalgia e a aparência de imagens envelhecidas. Para atingir esse objetivo, o processo de edição incluirá a aplicação de texturas que remetem à granulação típica de fotografias analógicas, a saturação controlada das cores e a simulação de desgaste em determinadas áreas, sugerindo o uso intenso das publicações originais.

4. Organização e Apresentação Digital

Após a edição, as fotografias serão organizadas em um livro digital disponibilizado na plataforma Issuu. Essa ferramenta facilitará tanto a montagem do design editorial quanto a apresentação do material para a banca examinadora, oferecendo uma visualização que simula a experiência de folhear uma revista física, aproximando o espectador da estética pretendida.

7 CRONOGRAMA

Quadro 1 – Cronograma de execução¹

Atividades	Período				
	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês	5º mês
Pesquisa e Fundamentação Teórica	X				
Desenvolvimento dos Ensaios Fotográficos		X	X	X	X
Edição e Tratamento das Imagens			X	X	X

¹ O uso do título e da fonte no quadro do cronograma segue a regra para ilustrações, da seção 5.8, da ABNT NBR 15.287:2011.

Organização e Apresentação Digital				X	X
------------------------------------	--	--	--	---	---

8 DESENVOLVIMENTO E CONCEPÇÃO

8.1 Relato da infância de uma criança gay

Existe uma coisa presente em todas as pessoas LGBT desde novinhas que é a auto percepção sobre a própria sexualidade. Mesmo que não saibamos o que significa o termo “homossexual”, “bicha” ou “travesti” o entendimento nossa sexualidade vem a partir de experiências e sensações que sentimos a partir de vicências que tivemos. Uma das experiências mais comuns entre os homens gays é encarar uma embalagem de cueca para reparar no volume que a imagem mostrava ou mesmo ter um menino mais velho perto de você que você curiosamente começa a achar bonito. Olhando para trás e pensando um pouco na minha versão menor de 5 ou 10 anos, via em como eu pensava o mundo masculino como um objeto de admiração e de vontade de participação dos círculos, claro, ainda era muito novo pra entender o que era aquele desejo ou vontade que eu sentia, quando se é muito jovem não se tem noção de sexualidade ou mesmo de “desejos carnais”, mas ainda assim te faz dar olhares curiosos para cartazes e propagandas mostrando o corpo masculino trincado.

Ainda é tudo flores quando se é mais novo porque você não precisa lidar com as expectativas que recaem em cima de você num padrão heteronormativo e patriarcal: que você irá crescer e se tornar um homem com uma mulher, filhos e uma casa; nunca será homem afeminado, mulher masculinizada ou que nunca irá se transicionar para um gênero que não o estabelecido por você desde o seu nascimento. Mas o problema é que essa fase chega e chega imposta por toda uma sociedade que vai te fazer se sentir culpado pelos desejos, sensações e vontades que você sente. O pequeno Guilherme de 8 anos de idade se sentia péssimo quando pensava no que sua cabeça pensava e no que sentia, ele procurava achar

culpados por ser gay tentando justificar sua própria existência no mundo que , por ter que sair do armário e causar problemas para sua família. No começo da minha pré-adolescência houve uma tentativa minha de me reconhecer e me assumir enquanto bissexual, achando que seria menos agravante para a perspectiva social e familiar se eu também gostasse de mulheres, o que me fez refletir como por boa parte de minha trajetória isso me moldou para a heteronormatividade para querer parecer “menos gay”.

Posteriormente vem a fase de descoberta sexual na adolescência, onde a pessoa *queer* se entende enquanto ser sexual e presentemente sujeito aos prazeres, nessa fase surge a curiosidade pelo corpo e de como se dar prazer, o que acaba acarretando uma série de descobertas: a masturbação, a descoberta de sites pornô, ainda mais os com conteúdos gay (especialmente pra mim foi uma surpresa saber que existia algo além do conteúdo hetero), e a descoberta das revistas adultas.

As Fotonovelas e G Magazines faziam parte do imaginário das jovens “crianças viadas”, sempre atraindo atenção de quando quando se ia na banca de revista e se dava de cara

No meu caso, o primeiro tipo de revista que eu tive acesso foi a revista de nudez hetero, a Playboy, que pertenciam ao meu pai. Achava interessante mais pela nudez ser uma novidade para mim, para alguém que não tinha tido contato com nada relacionado ao sexo aquilo foi uma grande revelação. Via o corpo de famosas e quadrinhos com tirinhas com humor abertamente sexuais e sentia que já tinha algo se desenvolvendo em mim em relação às minhas vontades hormonais de adolescente. Meu pai também tinha manuais de dicas性uais que eram vendidos em bancas separados por edições diferentes: como dar prazer a mulher, o que fazer com a glande no ato, como por a camisinha, etc.

Com a chegada dos quatorze anos vem a descoberta do pornô gay e é onde vem a maioria de suas fantasias性uais: homens belos e altos em situações inusitadas. Foi um jeito bem estranho a minha descoberta pornografia: vi um menino na lanhouse que eu jogava assistindo conteúdo adulto na tela do computador. O garoto assistia sexo hetero, na minha mente ainda recém entrada na pré-adolescência não era possível ter conteúdo assim de fácil acesso na internet. Isso abriu novas possibilidades para mim para um novo acesso à sexualidade. Comecei com a pesquisas de vídeos de sexo homem-mulher, mas não tardou até

que a curiosidade me levasse ao conteúdo pronográfico entre homens cis. E nesse período de busca por mais conteúdo do gênero, acabei me pondo num nicho muito específico da nudez masculina, as revistas de sexo gay.

As revistas não eram de fácil acesso e muitas vezes era mais fácil achar seu conteúdo em si em fóruns de internet ou mesmo redes sociais. Mas foi neste momento que me encantei com a ideia performática de alguém expor o seu corpo numa revista masculina e existir um visual baseado nisso. A partir daí vieram meus primeiros interesses pela performance nua em revistas.

8.2 A entrada no curso de cinema e envolvimento com a cultura de revistas homoeróticas

Em 2019, aos 20 anos de idade, eu entro no curso de Cinema e Audiovisual na UFC ainda sem entender bem como sequer funcionava a estrutura de um set de cinema ou como daí ia exercer minha criatividade. Entrei em Cinema por ser um dos poucos cursos de arte onde eu poderia exercer minha imaginação para criação de histórias e como alguém que tinha vindo de um curso de exatas (tinha feito parte do curso de Ciências da computação) estava muitíssimo animado para iniciar uma área que eu realmente gostava.

No entanto, o curso teve percalços maiores pra mim do que eu pensei quando ingressei no curso. A faculdade de audiovisual por abranger uma área que se ramifica em diversas atuações acabei por me envolver em todas as áreas que me geraram qualquer mínimo interesse (Direção, Fotografia, Marketing digital, Captação e edição de som). Porém nesse meu início de curso veio a pandemia e destruiu parte dos meu planos: me perdi no curso, as cadeiras de EAD não me chamavam atenção e não tinha mais tanto contato com os alunos do curso. Mesmo com o retorno do curso para o presencial em 2022, ainda me senti meio deslocado e acabei me decepcionando com o decorrer da faculdade, eram muitas cadeiras que eu colocava apenas para cumprir carga horária.

Outra deceção que tive é em relação ao mercado de trabalho no cinema, apesar da ascensão do mercado audiovisual em todo o Brasil, acabei aprendendo que para participar desse mercado, ter contatos seria essencial para participar desse nicho de set de filmagens especialmente em filmes de grande porte com orçamentos mais vultuosos selecionados pela PNAB ou mesmo da Paulo Gustavo,

principalmente após eu descobrir que várias pessoas desse meio sequer tem formação acadêmica ou técnica na área do audiovisual ocupam os cargos

Porém em 2023 conheço outro cineasta aqui de Fortaleza, o Viggo. Ele era um aficionado por cinema como eu nunca conheci antes e tinha um jeito bem único de querer fazer cinema. Mas uma coisa que nos uniu como produtores e realizadores audiovisuais foi essa admiração pelas revistas homoeróticas e de como elas nos impactaram enquanto formação enquanto artistas e pessoas LGBT. Trocávamos referências de obras fílmicas de homo erotismo como (*Pink Narcissus*, *Fireworks*, *Praia do futuro*) e também de revistas pornôs.

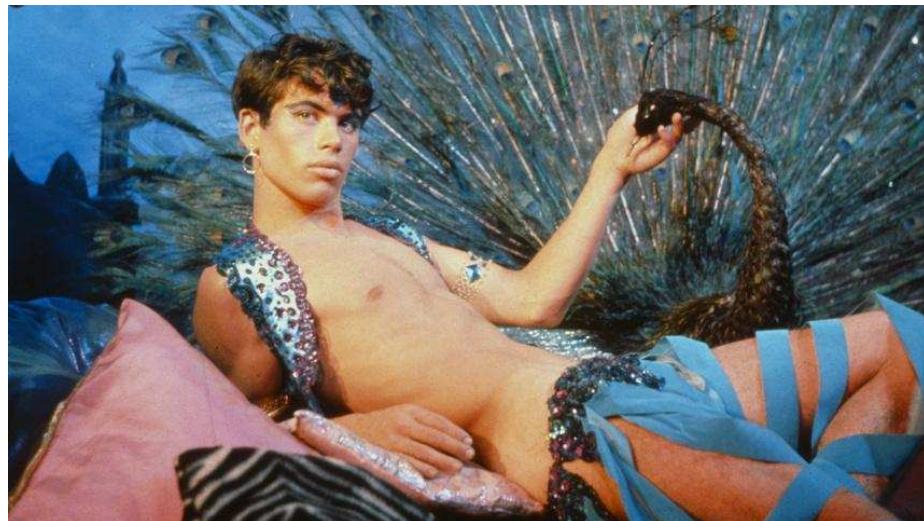


Fig 12: Foto de Frame do filme *Pink Narcissus* (1971), Fonte: Mubi

E veio de Viggo a ideia de criar a nossa própria revista de nudez masculina direcionada ao público gay. De início não comprei muito a ideia, achei que não só seria muito trabalhoso para se fazer como também daria o retorno midiaticamente tão grande quanto ele gostaria. No fim, depois de muito insistir e muita adulação por parte de Viggo, resolvi acatar a ideia de tentarmos fazer uma revista nossa.

Um dos primeiros modelos que chamamos era um performante erótico que trabalhava em boates de cruising em Fortaleza, ele trabalha como o nome artístico Gregor Wolf. Gregor se provou uma boa pessoa para se fotografar, pois como era alguém que já trabalhava com o corpo, o processo todo de se mostrar nu era muito natural; porém o ensaio se demonstrou muito demorado, pois estávamos animados com nossa primeira sessão e acabou nos resultando em mais de 500 arquivos de foto para escolhermos apenas algumas dezenas para revista.



Fig 13: Foto do Primeiro ensaio da revista Blame, Fonte: Arquivo Pessoal

Após diversas sessões de photoshoots conseguimos desenvolver maior expertise e rapidez dos trabalhos com outros modelos e conseguimos um acordo com um estúdio de design para fazer o layout de nossa revista e também o nosso mascote que seria um diabinho de mullet. Porém ainda precisávamos de um nome para a revista e estávamos pensando em algo que pudesse chamar atenção do público alvo, como: Gay Magazine, Revista Intensa ou Horny Zine. Viggo teve a ideia de chamar de Blame Zine, para dizer que se pode consumir conteúdo pornográfico da revista sem culpa e apenas com prazer. Decidimos também que não seria mais em formato de revista e sim de zine (por isso nome no final).



Fig 14: Foto do logotipo da revista com nosso primeiro mascote, Fonte: Arquivo Pessoal

Com todas as fotos de todos os modelos editadas, o layout digital já preparado e com uma página no instagram pronta para propagandear a primeira edição de nossa revista para o público, tudo já se encaixava para que nosso produto pudesse ter êxito em alcançar um grande número de pessoas em nosso site de lançamento. Porém a nossa realidade da época não poderia ser mais decepcionante, o nosso periódico não fez o sucesso estrondoso que pensávamos que iria fazer: a média de tempo que as pessoas ficavam pra ver a revista era cinco minutos. Posteriormente descobrimos o porquê, a zine era demasiada vazia e não tinha nada o que fazer além de olhar as fotos que lá já estavam expostas o que fazia a revista parecer monótona.

Apesar de já ter a possibilidade na minha mente de que a revista poderia decepcionar em relação às vendas desde o início, isso me chateou um pouco por ter posto tanto trabalho em algo e não ter tido o retorno do público coerente ao esforço que todo mundo da equipe pôs pra tornar o projeto algo não só artisticamente viável, mas também uma realidade tangível para nos destacarmos enquanto uma revista digital. Porém, nada se comparava com a deceção de Viggo que vendo algo que partiu dele se afastar tanto do objetivo ideal que ele estabeleceu para o seu sonho. Nisso, a revista acabou tendo que tomar um tempo para reavaliar a formação e também para que eu e ele pudéssemos tomar tempo para um tempo para a estabelecer nossos próprios projetos.

Tínhamos o projeto de lançar uma segunda edição do nosso projeto e até que conseguimos avançar bastante no sentido estrutural ao termos parceria com editores, escritores e até mesmo modelos profissionais do eixo Rio-São Paulo para divulgarmos melhore a revista, porém após uma briga, resolvemos nos afastar da companhia um do outro e, assim, fazendo o projeto rachar. O Blame Zine, por ser de autoria de Viggo, acabou sendo dado a sua continuidade sem mim e ,no momento, segue com a tentativa de lançar uma próxima edição,mas eu acabei por nutrir uma admiração pela experiência que trabalhar com homens nus me deu.

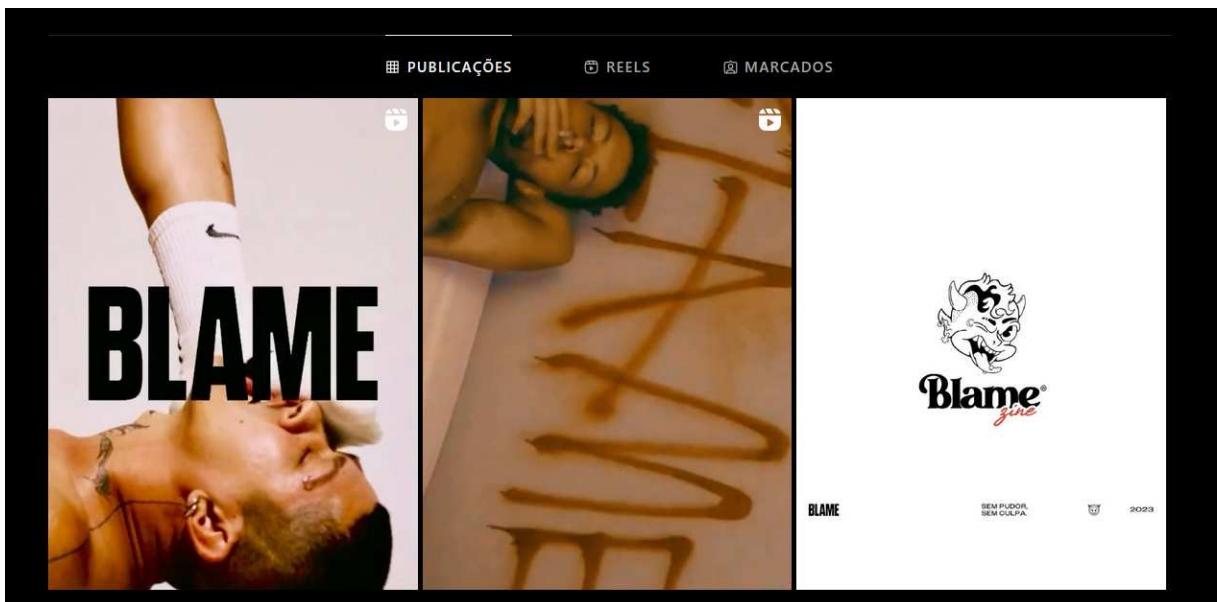


Fig 15: Captura de Tela da atual página principal da Blame Zine, Fonte: Arquivo pessoal

E a partir daí, acabei desenvolvendo a vontade de fazer minha própria revista homoprotética a partir das minhas próprias ideias e concepções de nudez e sensualidade com minhas próprias referências. E com um incentivo de um amigo meu (que também será concludente) resolvi levar essa ideia para meu trabalho de curso.

8.3 Pós-pornografia e indústria pornográfica

A pornografia, em seu eixo motor e base, é feita primariamente para atender a um mercado consumidor e assim moldar-se para chamar seu público para o consumo do mesmo e com isso surge toda um modo de agir e de espetacularizar o

sexo dentro daquele conteúdo imagético, tratando-se assim de uma versão exagerada e intrinsicamente diferente do que é a cópula real.

Segundo Paul Preciado em seu texto *Manifesto Contra-Sexual*, a pornografia como “indústria biotecnológica” não tem a intenção de retratar o a relação sexual como ela é feita, mas sim exibir uma propaganda performativa do que seria um sexo ideal, além de criar quais são e não são os órgãos sexuais e não sexuais, reforça padrões heteronormativos de relação sexual homem-mulher, criando assim, segundo o próprio autor, uma pedagogia da sexualidade, ensinando a quem assiste que é e não é erótico no sexo, como assim é explicado por uma de suas principais estudiosas da faculdade de Coimbra:

A indústria pornográfica – que não encerra a asserção anterior, apesar do encadeamento do argumento – é, porventura, um dos dispositivos sexopolíticos mais evidentes, uma vez que, enquanto indústria biotecnológica que opera como um dos tentáculos do bio-sexo-poder, normaliza e naturaliza a utilização dos órgãos, a relação dos corpos, a temporalização e a espacialização das relações entre os corpos. Nesse sentido, como argumenta Preciado no seu *Manifesto contrassexual*, a pornografia propõe pedagogias da sexualidade; não representa a realidade do sexo, mas opera como uma máquina performativa que produz modelos de sexualidade; estabelece uma distinção entre lugares privados e lugares públicos; entre órgãos sexuais e órgãos não sexuais. (OLIVEIRA, 2019, p.4)

Esse tipo de análise feita por Preciado da indústria pornográfica tendo como base o pornô hetero é destrinchada de forma tão completa e tão ampla, pois toma como base o sistema econômico capitalista ao qual essa indústria constroi, que a mesmo exame acaba estendendo seu espectro de influência até a pornografia gay.

É comum durante a representação do sexo entre dois homens em vídeos, que o passivo sempre interprete o papel de submissão ao falo, receptor, de inerte no sexo; e do ativo como o dominador e alguém que irá sentir o prazer independentemente das vontades de quem está recebendo o falo. Isso vem de uma tentativa de reproduzir o pornô heterossexual seja por falta de exemplo de outros meios de sexualidade, ignorando sexo versátil (conhecido troca-troca), prazer sem penetração; ou numa tentativa de dar maior virilidade ao ativo para atiçar o tesão ao parceiro.

Este tipo de “tesão fabricado” faz com que, em grande maioria das vezes, os papéis e as ações durante o sexo se tornem pré-fabricados. A indústria pornográfica

não recebe esse nome por puro capricho de quem os nomeou, os conceitos de “homem” e “mulher” e de o que é sensual e sexual são totalmente moldados dentro desse meio, apesar de não tê-lo criados e sim apenas se apropriar dos mesmos. E essa apropriação aconteceu por um simples motivo: a intenção nunca foi questionar os papéis de gênero,e sim ,vender um produto com base no que já é bem estabelecido pela própria convenção do próprio zeitgeist da época que tal material foi feito e em qual sociedade foi feita.

E mesmo em uma pornografia mais disruptivas da heteronormatividade (pornô gay ou pornô lésbico) terminam por adotar em partes esse parâmetro do sexo heterossexual para uma mídia que não necessariamente tem a necessidade de reproduzir tal ato, mas a reproduz da mesma forma pois é crucial para dar o respaldo para a venda do produto. No caso da pornografia lésbica a heteronormatividade é ainda mais respaldada, pois este é um tipo de mídia em sua grande maioria voltada para o entretenimento masculino e não para quem está envolvido na atuação e categorização desse filme.

Para contestar essa sexo-ideologia estabelecida nesses materiais audiovisuais difundidos em massa surge daí a Pós-Pornografia, que tem como intuito principal ressignificar esse tipo de mídia e trazer um maior tipo de empoderamento pra quem os cria. Trata-se de uma prática artística, audiovisual e performática que questiona as normas sociais e estéticas impostas pela indústria pornográfica, abrindo espaço para corpos dissidentes — como corpos trans, gordos, com deficiência, racializados, idosos — e práticas sexuais não normativas, muitas vezes invisibilizadas ou estigmatizadas.

Annie Sprinkle é um bom exemplo de artista desse tipo de movimento, Annie começou sua carreira como atriz pornográfica nos anos 1970, participando de filmes durante a chamada "Era de Ouro da Pornografia". Nos anos 1980, Sprinkle passou a produzir performances e instalações em que reencenava ou ressignificava experiências sexuais diante do público, como em sua performance mais famosa, *Public Cervix Announcement*, onde, com o auxílio de um espéculo, convidava o público a observar seu colo do útero. Ao invés de esconder o corpo e o desejo, Annie celebra esses fatores com, e expõe estes com ironia, alegria e uma radical vontade de descolonizar o prazer.



Fig 16: Registro fotográfico da performance The Public Cervix Announcement, Fonte:
Research gate

Parte da minha intenção com a pós pornografia, especialmente com a Annie, é trazer essa irreverência e quebra de expectativa em relação ao que deve ser tratado ou não como o sexual. É sobre pegar quem é tratado como objeto de desejo e feito de capital de prazer e transformar em quem vai gerenciar o uso de corpos no próprio modelo e assim fazer do Fotolivro uma maneira de empoderamento do próprio indivíduo.

Também não quero trazer quem já trabalha com conteúdo adulto ou trabalha com sexo de alguma forma. Eu sinto que trazer pessoas comuns sem o corpo mais padronizado para assim trair a estética do homem perfeito e inalcançável que é proposto pela estética pornô de grande circulação e me contrapor a isso fazendo uma contrapropaganda, vai trazer maior valor de choque quando confrontada com a sua contraparte, a indústria pornográfica.

Outra maneira de dissonar da estética do pornô pré fabricado é usando a própria fotografia de maneira mais experimental e pouco explícita que geralmente a mídia homoerótica decide não explorar pois tem como maior foco o ato e não a exploração artística e fotográfica do mesmo. Extrapolar as barreiras artísticas que anteriormente eram engessadas me abriria espaços incríveis na fotografia: Que filtros poderia usar? Qual estética antiga poderia pegar para falsear a idade da foto na imagem? Poderia bater a foto de um ângulo no qual a fotografia seria mais ou menos sexualmente explícita?

No fim vejo que a quebra de paradigma que a pós-pornografia traz é o essencial para fazer um trabalho tão artisticamente viável e tão livre de amarras que até mesmo o meu produto de inspiração, as revistas homoeróticas, trazem em seu conteúdo e, assim, criar um produto mais ao meu gosto e minha estética, mas sem traír ou moralizar a nudez.

8.4 Ensaios e Modelos

Meu primeiro orientador de Trabalho de Conclusão de Curso, Yuri Firmeza, acompanhou minhas ideias ainda em estágio inicial, quando estas careciam de aprofundamento teórico suficiente para a elaboração de um texto crítico mais robusto. Apesar dessa limitação inicial, já possuía referências imagéticas bem consolidadas, especialmente a partir do trabalho de fotógrafos como Alair Gomes e Stanley Stellar, artistas reconhecidos por suas trajetórias e pela forma singular com que concebiam e desenvolviam suas fotografias.

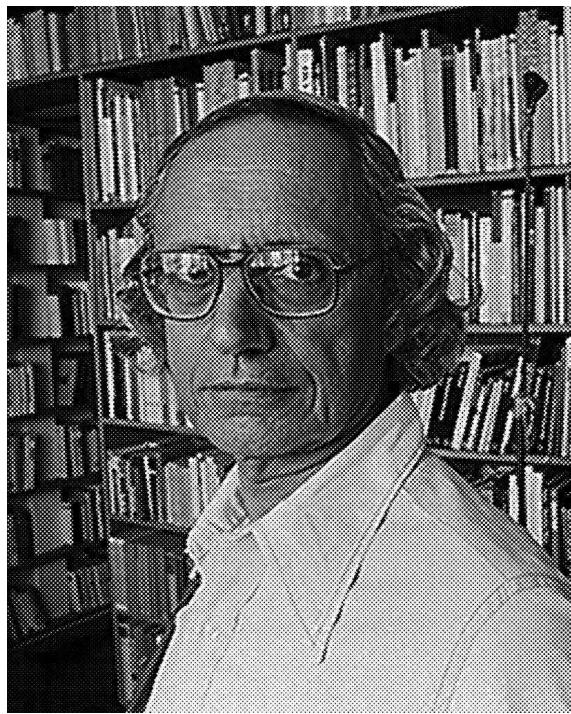


Fig 17: Foto de Alair Gomes em sua casa, Fonte: MAM Rio

Com o arcabouço imagético mais bem definido, considerei mais produtivo iniciar as sessões fotográficas com os modelos para, posteriormente, realizar as edições necessárias. Esse processo permitiria determinar quais seriam os modelos selecionados, o estilo de fotografia e de edição aplicado a cada um, bem como a

forma de abordar a estética pretendida sem destoar da referência das revistas homoeróticas dos anos 1980, buscando conferir maior verossimilhança ao projeto.

Entretanto, essa etapa revelou-se complexa já no processo inicial de pesquisa de modelos. O primeiro convidado havia atuado anteriormente com conteúdo +18 e possuía uma abordagem mais desconstruída da pornografia, buscando representar o corpo de forma menos invasiva e mais contemplativa. Esse aspecto despertou meu interesse em colaborar com ele. Apesar de ter aceitado inicialmente, acabou desistindo devido à alta demanda em seu trabalho principal.

O segundo candidato, embora tenha demonstrado entusiasmo inicial, reconsiderou sua participação ao se sentir constrangido com a possibilidade de expor seu corpo para diversas pessoas durante a exibição das fotografias. O terceiro modelo, profissional da área, declarou não ter problemas com a nudez, mas acabou sendo descartado por dificuldades recorrentes em agendar a sessão.

Com o passar dos meses e a ausência de resultados, comecei a me sentir apreensivo quanto ao andamento do projeto. Nesse contexto, solicitei auxílio a um amigo artista de Recife, Aleixo, que também trabalha com o nu artístico em diversas de suas obras. Ele me indicou seu amigo Guarê, que estava de passagem por Fortaleza, com quem já havia colaborado anteriormente e que eu também conhecia. Prontamente, entrei em contato, expliquei a proposta do TCC e marcamos uma sessão na casa de Aleixo.

No dia do ensaio, senti-me motivado por trabalhar com alguém que se mostrava à vontade ao exibir seu corpo e explorar uma performance sexual diante das lentes. Expliquei ao modelo que sua sessão integraria o fotolivro com a proposta de simular uma edição de revista, e que a narrativa visual teria como base a fantasia de um “nerd”, mas com foco na exposição do corpo.

O trabalho ocorreu de forma colaborativa: além da minha direção fotográfica, Aleixo contribuiu sugerindo enquadramentos e poses alinhados ao conceito do projeto. Guarê, por sua vez, demonstrou grande engajamento, propondo posições que evidenciavam seu corpo e genitália de modo que se sentisse confortável com o resultado final. Essa interação criativa possibilitou que o ensaio atingisse um equilíbrio entre a proposta estética e o respeito à autonomia do modelo.



Fig 18: Foto não tratada de Guarê, Fonte: Arquivo pessoal

Posteriormente esse mesmo amigo meu, sugeriu um artista que já trabalhava com nudez que era de João Pessoa, seu nome é Renato Sancharro. Renato por trabalhar já com fotos nus já tinha uma estética própria: fotos em preto e branco e com o contraste bem acentuado. Achei que seria interessante aderir um pouco as obras dele e assim dar continuidade às obras conjuntas as quais eu já estava fazendo com Guarê e Aleixo.

Esse ensaio demorou um pouco para ser levado para frente devido a distância física entre nós dois, tivemos que nos organizar para estabelecer uma data para que ele pudesse vir a Fortaleza e realizarmos o trabalho. Mas durante esse tempo longe, discutimos sobre como ele via sua arte e o que nós poderíamos fazer juntos para que tivéssemos êxito para chegar em um resultado comum no Fotolivro.

Já em nossa sessão de Fotografia tudo correu muito bem e, por Renato já ser um artista, consegui ver mais fluidez em relação ao como ele performava e como fazia durante as fotos, as nossas conversas anteriores que tivemos ajudou ele a ver um pouco melhor com o meu intuito de criar a fotografia necessária para que meu fotolivro ficasse como minhas referências estéticas anteriores.



Fig 17: Foto não tratada de Renato , Fonte: Arquivo pessoal

Finalizei minhas fotos e resolvi por em prioridade a edição das fotos já que já estava com muitas e precisava finalizar já o quanto antes a formatação do fotolivro.

8.5 Edições das fotos e design da revista

Nas edições fotográficas do primeiro modelo, Guarê, consolidei a visão do produto final que desejava alcançar. Meu objetivo era que as imagens apresentassem uma estética saturada e granulada, característica das fotografias antigas e das revistas de nudez gay das décadas de 1980 e 1990. Busquei, desde o início, que essa referência estivesse presente no fotolivro, com a intenção de consolidá-la ao longo da edição.

Para alcançar esse efeito, apliquei um filtro que intensificou a saturação das cores, tornando-as mais marcadas, e, simultaneamente, reduzi a intensidade da luz. Durante o processo, percebi que esse esmaecimento contribuía para o aspecto vintage, além de acentuar os contornos da figura humana, especialmente nas áreas mais escuras em contraste com o ambiente. Granulação foi propositalmente acentuada, com o intuito de simular a interferência visual presente nas revistas da época, nas quais o efeito era resultado direto das limitações técnicas das câmeras utilizadas.

Com o segundo modelo, Renato, optei por um caminho distinto do adotado com Guarê. Busquei integrar a estética já presente nos trabalhos anteriores de Renato — predominantemente em preto e branco — com outras referências visuais do mesmo estilo que havia pesquisado, incluindo parte da obra de Stanley Stellar, que também se caracteriza por fotografias nesse formato.

No processo de edição, ajustei a saturação no Lightroom para zero, preservando apenas os tons em escala de cinza, e reduzi a luminância para acentuar a definição dos tons escuros. Esse procedimento intensificou o contraste e realçou a presença da figura de Renato nas imagens.

Após concluir as edições, iniciei a etapa de diagramação do fotolivro. A princípio, organizei as imagens de forma linear, com uma fotografia por página. Contudo, percebi que essa abordagem contrariava minha proposta inicial de inspiração nas revistas de nudez gay +18, que motivaram o desenvolvimento do projeto. Reformulei, então, a estrutura para aproximá-la mais do formato dessas publicações, especialmente na concepção da capa. Nela, simulei o aspecto de uma revista física, com elementos gráficos de chamada para o público, atribuí um título inspirado no nome do meu trabalho e inseri intervenções textuais sobre as imagens, a fim de acentuar o tom sexual pretendido e reforçar a estética de colagem digital.

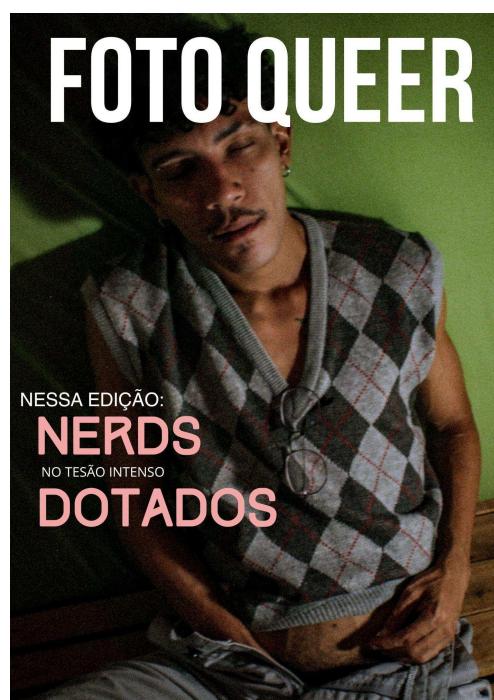


Fig 18: Capa da minha Revista/Fotolivro , Fonte:Arquivo Pessoal

CONCLUSÃO

Esse projeto acaba tendo como objetivo retratar a sexualidade de maneira mais livre e sem preconceitos de qualquer tipo. Mas com o tempo acabei percebendo que o projeto desenvolveu algo além do que a próprio se propunha, ele também se mostra como um afrontamento ao audiovisual como uma linguagem esteticamente limpa do audiovisual.

Atualmente muitos alunos que vem entrando no curso de Cinema e Audiovisual já vem podados com relação à sexualidade e também a exposição ao corpo humano em imagens e filmes. Sinto que este trabalho é, agora mais do que nunca, uma afronta ao conservadorismo que agora vem sendo gestado não só pelos antigos mas também pela nova geração de novos cineastas.

Que este fotolivro seja um manifesto contra a higienização da cultura audiovisual cearense, brasileira e mundial.

REFERÊNCIAS

SILVA, Ellis Regina Araújo da. Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays. 2007. 144 f. Tese (Doutorado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1978>

Costa, Pablo Assumpção Barros. Sense and Queerness: A Poetics of Erotic Delinquency and Belonging in Fortaleza, Brazil. New York University. Setembro, 2013. Tese de Doutorado em Performance. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/56674ec8240a593c5d0daea4ffbf7bb8/1?pq-orig-site=gscholar&cbl=18750>

Honcho Magazine. Julho de 1978. Acervo Queer, 2025. Disponível em: <https://www.arquivoqueer.com/blog/categories/honcho-magazine> Acessado em: 04 de Fevereiro de 2025.

G Magazine. edições 150, 153, 155, 156, 157, 160. Acervo Queer, 2025. Disponível em: <https://www.arquivoqueer.com/blog/categories/g-magazine> Acessado em: 04 de Fevereiro de 2025.

Stanley Stellar Site. Disponível em: <https://www.stellarnyc.com>. Acessado em: 04 de Fevereiro de 2025.

Christian Caujolle. 100 Anos de Alair Gomes. Disponível em: <https://mam.rio/artistas/100-anos-de-alair-gomes/> Acessado em: 04 de Fevereiro de 2025.

OLIVEIRA, Ana. “Ficções porno-políticas do corpo (a partir) de Preciado”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 3, e61544, 2020

Research Gate. Registro fotográfico da performance The Public Cervix Announcement. Disponível em:

https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Registro-fotografico-da-performance-The-Public-Cervix-Announcement_fig1_387690627

Acessado em: 04 de Março de 2025.

GOMES, Aline Ferreira. A fotografia de Alair Gomes: o fascínio pelo corpo masculino. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 6, p. 13–20, 2010. DOI: 10.20396/eha.6.2010.3761. Disponível em:
<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3761>. Acesso em: 23 jul. 2025.